

Uma teoria da leitura formulada pela literatura

Regina Zilberman*

Resumo

A poesia precedeu a leitura, embora não prescindisse da audiência, conforme a representa Homero, na **Odisséia**. A literatura foi inventada depois, mas acabou por sobrepor-se à poesia, passando a denominar a arte da palavra por inteiro. Impôs, com o tempo, uma teoria da leitura, que se reproduz a cada texto que se oferece ao leitor. Obras como **O Ateneu**, de Raul Pompéia, e **Em busca do tempo perdido**, de Marcel Proust, são exemplares da explicitação de uma teoria da leitura determinada pela literatura, em particular pela narrativa de ficção. Em ambos os romances, as personagens vivenciam situações diferentes de leitura; ao mesmo tempo, os autores explicitam o modo como esperam ser lidos pelos destinatários a que se dirigem.

Palavras-chave: Leitura; Leitor; Literatura; Poesia; Público.

Na história do Ocidente, a poesia precedeu a leitura, embora não prescindisse da audiência. Homero, na **Odisséia**, parece retratar o modo como se dava a circulação da poesia, antes de a escrita ser conhecida na Grécia. Na cena do banquete oferecido por Alcino, rei dos feácios, o rapsodo Demódoco conta aos convidados a tomada de Tróia pelos aqueus; a seguir, Ulisses relata suas aventuras após a queda da cidadela governada por Príamo (HOMERO, 1960). Demódoco é um profissional, e Ulisses, um amador; mas, em ambos os casos, os dois valem-se do gênero épico, para dar vazão ao assunto poético, e contam com a adesão da platéia, para levarem a narração até seu final.

Françoise Dupont destaca que os banquetes, celebrados pelos helenos, de que são exemplo tanto o festim dos feácios, quanto a reunião de Sócrates com seus discípulos, narrada por Platão ([19--]), constituíram o berço da poesia; con-

* Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

tudo, ainda não se tratava de literatura. Ela atribui a “invenção da literatura” ao aparecimento da “cultura do livro” (DUPONT, 1998, p. 114), durante a época helenística, em decorrência da fundação, consolidação e institucionalização dos procedimentos da Biblioteca de Alexandria.

A pesquisadora descreve a atividade dos bibliotecários:

Uma tal biblioteca, para ser útil, supunha um sistema de classificação: os bibliotecários se lançam na redação de catálogos e elaboram um saber bibliográfico. As obras são reagrupadas por “gênero” e atribuídas a um autor. Os autores formam listas cronológicas em que eles se sucedem em tipos de genealogias de mestre a aluno; a cada um deles é atribuída uma biografia. Cada obra deve consistir em texto único, daí uma intensa atividade de edição para unificar as diferentes versões: corta-se, corrige-se, desloca-se; cada obra deve também obedecer a certas regras definindo sua textualidade, ela deve ser coerente, não pode se repetir. (DUPONT, 1998, p. 115-6)

A invenção da literatura veio acompanhada de dois outros acontecimentos: a identificação da autoria, de um lado; de outro, o aparecimento do leitor. Essa figura não era indiferente à Antigüidade, pois, desde o século V a.C., os atenienses organizavam a escola, que dependia, entre outras disciplinas, da aprendizagem da gramática, calcada na valorização de obras exemplares, mais tarde tornadas canônicas. A diferença é que, com os bibliotecários de Alexandria, a leitura avança no sentido da especialização, e leitores são sujeitos preparados, capazes de entender, interpretar e classificar produtos das palavras consignadas pela escrita.

Esse modelo de leitor predominou durante a Antigüidade e a Idade Média, quando os especialistas contaram com as bibliotecas dos conventos, responsáveis pela conservação de boa parte da cultura clássica. O panorama mudou, quando a “cultura do livro” transformou-se em “indústria do livro”, graças ao aparecimento e expansão da imprensa. O objeto de culto, preservado em museus e acessível a muito poucos, saiu à praça pública, transformou-se em mercadoria e foi em busca do consumo. A literatura já existia, mas ainda não vivia a ambigüidade que vai marcá-la na modernidade, a saber, a divisão entre o apego à arte desinteressada e criativa, de um lado, e a sedução do mercado, a ambição de ser comercializada e vender, de outro. A nova situação provocou alterações, que repercutiram na compreensão do que era o leitor, cuja figura assumiu outra formatação.

Tornou-se impossível limitar o leitor à condição de especialista, que, se é voluntária, é, na mesma proporção, rara e facultativa, não estimulando a venda, logo, não colaborando para a expansão da indústria e a comercialização do livro. O leitor converteu-se no consumidor anônimo, mas, dispondo aquela função de uma tradição secular, o anonimato não pôde coincidir com anulação da individualidade, como ocorre ao comprador de produtos industrializados em geral. A singularidade da situação do destinatário de um livro reside no fato de que,

mesmo sem ser identificado ou nomeado, ele é considerado um ser único e percebido como pessoa digna de consideração particular.

A individualização do leitor, enquanto sujeito a que a obra se dirige, requereu de cada obra a formulação de sua própria teoria da leitura, visando garantir a interação com o público e recuperar a espontaneidade das audiências originais, como as que Homero, por exemplo, retrata na **Odisséia**, como se mencionou antes. Observe-se que não se trata da(s) teoria(s) da leitura que a ciência da literatura estuda, pois essas dão conta do impacto da obra sobre a história, como pretende a Estética da Recepção, proposta por Hans Robert Jauss (cf. 1978; 1982; 1989; 1994), ou do modo como o receptor entende e decifra a escrita do texto, segundo supõe a Estética do Efeito, elaborada por Wolfgang Iser (cf. 1974; 1993; 1996-1999; 1999).

A teoria da leitura formulada pela literatura refere-se à utopia que cada obra exhibe, veiculando suas expectativas diante das suas possibilidades de introdução e consumo. Dois exemplos podem sugerir os caminhos que a questão toma, escolhendo-se, como motivo para reflexão, **O Ateneu**, de Raul Pompéia, e **Em busca do tempo perdido**, de Marcel Proust, romances em que se representam cenas de leitura, vivenciadas pelos protagonistas.

O Ateneu é um romance memorialista, em que o narrador, Sérgio, adulto, relembra os dois anos quando, adolescente, foi aluno de uma escola de elite no Rio de Janeiro. Transcorrida a ação num estabelecimento de ensino, é natural que cenas envolvendo a literatura apareçam; nesse sentido, Sergio recorda as aulas em que **Os Lusíadas** constituía matéria de aprendizagem e de exame, bem como a censura que impediu a leitura de episódios considerados picantes.

É fora da sala de aula, porém, que o menino experimenta os melhores momentos, relacionando-os aos colegas com que convivia na ocasião. No capítulo 6, relembra a frequência à biblioteca da escola, quando, nas suas palavras, pôde angariar “dois amigos, dois saudosos amigos – Bento Alves e Jules Verne” (POMPÉIA, 1981, p. 146). Mais adiante, a amizade que manteve com Egbert foi mediada pela leitura da literatura francesa, com ênfase no apreço por **Paulo e Virgínia**, a “pastoral de Bernardin de Saint Pierre”, que, também segundo o narrador saudoso, “foi principalmente o nosso enlevo” (POMPÉIA, 1981, p. 213).

Também movido pela memória age o Narrador de **Em busca do tempo perdido**, que, sobretudo no primeiro volume do romance, **No caminho de Swan**, relembra os episódios em que sua mãe lia-lhe obras, clássicas ou modernas, da literatura francesa, antes de a criança adormecer. Essa recordação é tão forte, que, nas primeiras páginas de **No caminho de Swan**, o Narrador confunde os dois tempos – o da infância, que rememora – e o da maturidade – que vivencia em Tansonville, junto a Gilberte Swan, quando oscila entre o acordar e o adormecer, tendo na sua companhia o livro que lê na ocasião.

As cenas de leitura, aqui simplificadas, elegem seus tipos de leitores e de mediadores. Os leitores são jovens, e o acesso ao texto escrito dá-se por intermédio da leitura em voz alta. Egbert e Sérgio reproduzem, eles mesmos, os diálogos entre Paulo e Virgínia, assim como, em outro momento do livro, os dois rapazes dividir-se-ão entre as personagens de Corneille e Racine, que recitam de viva voz. Por seu turno, o Narrador da **Recherche** ouve os trechos do romance de George Sand, **François le Champi**, que sua mãe lhe relata.

Pode-se perceber que os textos lidos nem sempre se resumem aos clássicos e canônicos. Se Sérgio e Egbert compartilham o gosto pelos dramaturgos franceses do século XVII, sua preferência recai sobretudo sobre o romance de Bernardin de Saint-Pierre, paradigma da novela sentimental que o século XIX devorou e que fez a cabeça de tantas mocinhas e mocinhos românticos. A predileção por **Paulo e Virgínia**, documentada em **O Ateneu**, de 1888, já é manifestada por Almeida Garrett (1998), em 1826, no “Bosquejo da história da poesia e língua portuguesa” que abre o **Parnaso Lusitano**, quando o poeta português eleva aquele romance à condição de modelo em que devia se espelhar a nascente poesia brasileira. Lúcia, protagonista de **Lucíola**, de José de Alencar, mostra-se igualmente admiradora daquela obra, assim como Helena, do romance homônimo de Machado de Assis, e Ana Rosa, de **O mulato**, de Aluísio Azevedo. Para não se falar em Emma Bovary, cuja perdição sentimental decorre em boa parte de suas leituras juvenis, entre as quais se contava o livro de Saint-Pierre (LAJOJLO & ZILBERMAN, 1996).

Sérgio é também admirador de Jules Verne, outro dos eleitos dos escritores brasileiros cuja formação literária data da segunda metade do século XIX e primeiras décadas do século XX. Olavo Bilac, Lima Barreto, Erico Verissimo e Brito Broca são apenas alguns dentre inúmeros escritores que encontraram na obra do ficcionista francês profunda satisfação para suas fantasias, colaborando para a consolidação de seu gosto pela literatura.

Ao grupo de autores constituído por Bernardin de Saint-Pierre e Jules Verne poder-se-ia acrescentar George Sand, a escritora preferida pelo Narrador, quando, em pequeno, ouve, transmitido pela voz da mãe, a novela folhetinesca **François le Champi**. Todos foram, a seu tempo, *best-sellers*, responsabilizaram-se pela formação de grande contingente de leitores, mas a história da literatura raramente registra sua atuação. George Sand pode contar, atualmente, com a solidariedade das feministas, e Jules Verne ainda ser recomendado para os jovens a quem se almeja transmitir o saudável hábito da leitura. Mas a tradição do cânone não os contempla com bons olhos, ao contrário do que ocorre com os escritores, como Raul Pompéia e Marcel Proust, que os citam com saudade e nostalgia.

A reprodução de cenas de leitura, a escolha de modelos de mediação e a

eleição de determinados escritores populares entre os favoritos dos narradores – eles mesmos, escritores fictícios – corresponderiam a ações que englobariam uma finalidade prática: os autores dos romances **O Ateneu** e **Em busca do tempo perdido**, respectivamente, Raul Pompéia e Marcel Proust, gostariam de que suas obras contassem com recepção similar. Assim, ambos, cada um à sua maneira, distantes no tempo e no espaço, e certamente sem terem tido contato um com o outro, almejavam:

- sucesso comparável aos de Saint-Pierre, George Sand ou Jules Verne;
- que os leitores os lessem desde a infância ou juventude, estabelecendo-se entre o leitor e o livro grande familiaridade, comprovada pela leitura em voz alta, capaz de vincular amorosamente não apenas o sujeito e o texto, mas igualmente os indivíduos unidos nesse momento pela leitura. Não por acaso Sérgio experimenta a paixão por Jules Verne durante a amizade que nutre por Bento Alves, enquanto que as reproduções de trechos de **Paulo e Virgínia** ocupam os agora companheiros Sérgio e Egbert. Mais evidente mostra-se a situação representada na **Recherche**, em que a mãe do Narrador lê a história de George Sand, **François le Champi**, protagonizado por um menino órfão que, quando adulto, desposa a madrasta que o protegeu na infância.

Apresentada nesses termos, a hipótese é a de que os romances esboçam a teoria da leitura a que almejam. Se representam cenas de leitura, é para que o leitor identifique no texto que lêem a situação que está sendo reproduzida. Estabelece-se um caso particular de *mise-en-abyme*, segundo o qual não se trata de auto-reflexão sobre o processo de criação, mas de estabelecimento de expectativas em relação ao ato de recepção, caracterizado esse pelo acolhimento favorável e pelo retorno periódico ao texto, na busca da renovação do prazer da leitura.

Não é esse, porém, o modo como se lêem **O Ateneu**, de Raul Pompéia, e **Em busca do tempo perdido**, de Marcel Proust. O romance francês, por exemplo, ainda que manifeste, em outros momentos, o desejo de se confundir com uma peça popular – um vestido, por exemplo (cf. PROUST, 1958, p. 240)¹ – propõe um modelo de leitura extremamente refinado que, se em alguns aspectos se aproxima daquele que o protagonista experimenta na infância, em outros revela-se o avesso da tese que aparentemente advoga.

Do modelo citado, a **Recherche** guarda a linearidade do enredo: a ação começa, em **No caminho de Swan**, quando o Narrador é uma criança e mora com os pais, em Combray; quando termina, em **O tempo redescoberto**, ele é um ho-

¹ Note-se que o Narrador manifesta essa aspiração no mesmo trecho em que observa ser seu desejo escrever um “livro onde os leitores lêem-se a si mesmos”.

mem idoso que reside em Paris e descobre, enfim, como escreverá o livro com que sonha desde a juventude. De um ponto a outro, passam-se aproximadamente cinquenta anos, durante os quais o Narrador experimenta vários amores e muitas decepções, conforme um duro aprendizado na direção da maturidade. O fechamento do romance leva o leitor, contudo, de volta ao começo: a última palavra de **O tempo redescoberto** reproduz a primeira de **No caminho de Swan**, obrigando a rever a trajetória do Narrador. Enquanto refaz os episódios, o leitor vai verificando que seus juízos originais eram equivocados, as aparências revestiam outras verdades, a seqüência dos acontecimentos não era linear, muito menos unilateral.

Ao sobrepor à leitura uma releitura, o romance propõe uma composição em camadas, que lhe confere dimensão dialógica. Em outro diapasão, Raul Pompéia também robustece a narrativa, ao estabelecer um contraste entre a visão de Sérgio menino, personagem de **O Ateneu**, e a dicção de Sérgio adulto, seu narrador. É o menino que lê Jules Verne e repete em voz alta o texto de Bernardin de Saint-Pierre ou de Racine; mas é o adulto quem propõe enigmas ao leitor mais preparado, que irá em busca das chaves para interpretar a conduta do protagonista.

Por conseqüência, as obras propõem uma escalada na teoria da leitura que subjaz aos textos. Se confiarmos nas personagens, faremos a leitura ingênua, corporificada por crianças despreparadas que, com o tempo, se depararam com o mundo e traduziram suas contradições. Se, contudo, desconfiarmos delas, chegaremos mais próximos do projeto dos narradores, que, como carteiros atrasados, entregam as mensagens aos poucos.

A mensagem aparece por entre os fios que tecem a escrita, rejeitando, pois, a expressão oral, que fora sua manifestação original. É como se a teoria da leitura proposta pelos livros refizesse a trajetória histórica que transformou a poesia em literatura, essa sendo a invenção dos letrados. Não poderia ser diferente, porque somente dessa maneira ela se justifica enquanto texto e presença, que substitui a fragilidade e transitoriedade da voz.

Formulando a teoria de sua leitura, as obras literárias justificam-se enquanto escrita e explicitam o leitor ideal com que desejam contar. Afastam-se de suas origens, que, quando reproduzem, desmentem; mas não negam sua natureza, produto do engenho e da criatividade programada. Festejam o ato da leitura, mas é uma celebração a dois, silenciosa, familiar e recatada, em que ficam de fora o coletivo, o grupal e a comemoração.

A literatura foi inventada depois, mas acabou por sobrepor-se à poesia, passando a denominar a arte da palavra por inteiro. Impôs, com o tempo, uma teoria da leitura, que se reproduz a cada texto que se oferece ao leitor. Obras como **O Ateneu**, de Raul Pompéia, e **Em busca do tempo perdido**, de Proust, são exemplares da explicitação de uma teoria da leitura determinada pela literatu-

ra, em particular pela narrativa de ficção. Em ambos os romances, as personagens vivenciam situações diferentes de leitura; ao mesmo tempo, explicitam o modo como esperam ser lidos pelos destinatários a que se dirigem.

Abstract

Poetry preceded reading; however, it could not avoid audience, as Homer represents it in the *Odisséia*. Literature came later, but it superimposed poetry, for the that expression designates until today the art with words as a whole. Literature determines a theory of reading, which appears when a text introduces itself to the reader. Novels, as *O Ateneu*, from Raul Pompéia, and *Em busca do tempo perdido*, from Marcel Proust, are good examples of a theory of reading determined by literature, particularly by fiction narrative.

Key words: Reading; Reader; Literature; Poetry; Reading public.

Referências

- DUPONT, Florence. *L'invention de la littérature*. De l'ivresse grecque au text latin. Paris: La Découverte, 1998.
- GARRETT, Almeida. Bosquejo da história da poesia e língua portuguesa. In: ZILBERMAN, Regina; MOREIRA, Maria Eunice. *O berço do cânone*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1998.
- HOMERO. *Odisséia*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1960.
- ISER, Wolfgang. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996-1999. 2v.
- ISER, Wolfgang. *Teoria da Ficção: Indagações à obra de Wolfgang Iser*. Org. de João Cezar de Castro Rocha. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1999.
- ISER, Wolfgang. *The Fictive and the Imaginary*. Charting Literary Anthropology. Baltimore/London: The Johns Hopkins University Press, 1993.
- ISER, Wolfgang. *The Implied Reader*. Patterns of Communication in Prose Fiction from Bunyan to Beckett. Baltimore/London: The Johns Hopkins University Press, 1974.
- JAUSS, Hans-Robert. *História da literatura como provocação da ciência literária*. São Paulo: Ática, 1994.
- JAUSS, Hans-Robert. *Aesthetic Experience and Literary Hermeneutics*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1982.
- JAUSS, Hans-Robert. *Pour une esthétique de la réception*. Paris: Gallimard, 1978.
- JAUSS, Hans-Robert. *Question and Answer*. Forms of Dialogic Understanding. Trad. de Michael Hays. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1989.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil**. Porto Alegre: Ática, 1996.

PLATÃO. **O banquete**. Trad. Jorge Paleikat. Rio de Janeiro: Tecnoprint, [19--].

POMPÉIA, Raul. **O Ateneu**. Organização e notas de Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro/Brasília: Civilização Brasileira/Oficina Literária Afrânio Coutinho/Fename, 1981.

PROUST, Marcel. **O tempo redescoberto**. Trad. Lúcia Miguel Pereira. Porto Alegre: Globo, 1958.